

**VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA**
MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



VI Jornada Brasileira de Sociologia

Modernidade e Sul Global

Outubro, 2019, Pelotas/RS

GT: Raça, Gênero, Classe

**DISPOSIÇÕES HETEROGÊNEAS E EXPERIÊNCIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE UM JOVEM GAY CRISTÃO**

Pelotas, RS

2019

VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA
MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



DISPOSIÇÕES HETEROGÊNEAS E EXPERIÊNCIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE UM JOVEM GAY CRISTÃO

Arielson Teixeira do Carmo¹

Manoela Vieira Neutzling²

RESUMO: O principal objetivo com este estudo é compreender as experiências de socialização de um jovem gay cristão evangélico a partir de uma sociologia contextualista, disposicionalista na escala individual, proposta pelo sociólogo francês Bernard Lahire. Entrevistamos o David em um dia nublado e chuvoso, às onze horas da manhã do dia 28 de junho de 2018, na cidade de Pelotas, RS, em uma cafeteria localizada na parte externa do Mercado Público da cidade. A entrevista tinha como principal objetivo compreender as experiências de socialização do David e sua trajetória religiosa. Por meio das disposições e trajetória religiosa do entrevistado destaca-se que ele vivenciou e ainda vivencia diversas experiências de socialização, em espaços religiosos e não religiosos, tais como: bares, boates LGBTs, universidade, família e trabalho. Socializações estas que às vezes foram conflitantes em sua trajetória e que contribuíram para que ele não criasse vínculos de pertencimento a determinados grupos. Percebeu-se na biografia individual do interlocutor uma pluralidade de disposições marcadas por transitar em diversos espaços sociais, cujas ações foram determinadas a partir dos diferentes contextos sociais nos quais ele estava inserido. O início da trajetória religiosa do interlocutor, por exemplo, foi claramente influenciado pelo contexto familiar, onde comportava-se (a partir do que era exigido dele) segundo as exigências de uma igreja pentecostal evangélica. No entanto, quando surgiram os primeiros conflitos com grupo religioso por conta de sua disposição homossexual, decidiu frequentar cultos religiosos de denominações afro, como a umbanda, onde a aceitação da homossexualidade era mais flexível e não era vista como possessão demoníaca ou pecado. Após a rápida passagem pela umbanda ao retornar para o meio evangélico, o entrevistado voltou a congregar em um grupo religioso evangélico com postura inclusiva que exigia dele algumas prescrições comportamentais, porém não tão rigorosas como na antiga igreja, já que nesta nova configuração evangélica ele poderia ser evangélico cristão e gay sem toda carga negativa e proibitiva posta sobre sua sexualidade. Compreendeu-se também que as ações do interlocutor em boates e bares LGBTs não eram bem vistas nem por outros evangélicos heterossexuais, nem por outros homossexuais cristãos que viviam uma vida ainda pautada em valores morais cristãos com viés fortemente evangélico, no seu ambiente de trabalho o interlocutor afirmou ter passado, também, por situações de conflitos por conta da sua sexualidade e religião. Na família, relata que todos aceitavam sua opção sexual, porém enfrentava dilemas relacionadas às questões religiosas. Já na escola, durante o período do ensino fundamental e médio, relatou que precisou fazer algumas negociações e se utilizar de

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Graduado no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Membro do Centro de Estudos Políticos Religião e Sociedade - CEPRES. E-mail: arielsondocarmo@gmail.com.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma universidade. E-mail: manoelaneutzling@gmail.com.

estratégias para ser aceito e não sofrer com o preconceito. Assim, a partir da biografia individual do entrevistado percebe-se que nas sociedades complexas e altamente diferenciadas, o ator social passa por diferentes processos de socialização e age motivado a partir do contexto no qual está inserido. Faz-se importante ressaltar que uma sociologia contextualista, disposicionalista à escala individual não abandona o grupo social ao procurar compreender as disposições do indivíduo, nem faz uma análise puramente do indivíduo. Pelo contrário, pensa o social a partir do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Jovem Gay Cristão; Socialização; Disposições

INTRODUÇÃO

O David³ tem 29 anos. É pelotense, homossexual assumido, estudante de Matemática na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, define-se como cristão evangélico, porém atualmente afastado de instituições religiosas. Frequentava de forma circunstancial um grupo religioso cristão inclusivo⁴, também conhecida como teologia inclusiva⁵, igreja inclusiva⁶ ou no senso comum como “igrejas gays”. O David era um jovem negro, comunicativo e extrovertido. David dizia que gostava de ir a baladas, de dançar, de suas amizades, gostava muito da Matemática e mais ainda da licenciatura, da ideia de dar aula e ser Professor – pois acreditava que essa era uma forma que ele tinha de contribuir para uma sociedade melhor. Entrevistamos o David em um dia nublado e chuvoso, as onze horas da manhã do dia 28 de junho de 2018, na cidade de Pelotas-RS, em uma cafeteria localizada na parte externa do Mercado Público da Cidade.

A entrevista teve como principal objetivo compreender as experiências de socialização do David e sua trajetória religiosa, tudo isto, para uma tentativa analítica de sua biografia individual com alguns conceitos mobilizados pela teoria sociológica do sociólogo francês Bernard Lahire que propõe pensar uma sociologia contextualista,

³ O nome do entrevistado, assim como os das pessoas que ele cita na entrevista, assume nomes fictícios, como forma de uma postura ética por parte dos autores para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

⁴ O termo “inclusiva” pode ser problematizado ainda no campo das representações por sua ligação com aquilo que está à margem, como os deficientes físicos e mentais (questão mais conhecida no campo do senso comum como “educação inclusiva”), com a população carcerária, o que marca o termo de forma a dar conta de “corpos abjetos” no sentido que Judith Butler (2003) nos propõe. O inclusivo, assim, acabaria por corroborar os discursos que colocam sexualidades e corpos não heterossexuais e não normativos à margem da religião e da sociedade ou alertaria para uma necessária legitimação de muitas existências que a normatividade mantém “abjetas”. É interessante perceber que as igrejas que se afirmam “inclusivas”, - embora sejam direcionadas a uma perspectiva de inclusão e aceitação da homossexualidade como perfeitamente compatível com uma religiosidade cristã expressa por elas -, não são exclusivamente para homossexuais, estando abertas a todas as pessoas, incluindo, assim, heterossexuais (Cf. JESUS, 2012, p. 66-67).

⁵ Para Coelho Júnior (2012) essa teologia *queer* tem as pretensões de romper com os paradigmas padrões heterossexistas normativos que impõe normas e padrões de condutas, que sufocam principalmente a pessoa LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros). Nesse segmento, para o autor a teologia *queer* visa reconfigurar elementos heteronormativos dentro da estrutura religiosa do cristianismo, afirmando ser possível sim, por meio de experiências pessoais de pessoas não heterossexuais, resgatar valores cristão da solidariedade, tolerância e respeito às diferenças (Cf. JÚNIOR, 2012, p. 12).

⁶ Já se apresentando diversamente plural, é nos anos de 1990 que aporta em solo brasileiro uma teologia com uma proposta inclusiva; igrejas que possuíam como lema a inclusão de pessoas LGBTs em seus espaços (WEISS DE JESUS, 2012). Importante esclarecer que esses ideais de igrejas inclusivas surgem na década de 60 (do século passado) nos Estados Unidos pelo reverendo Troy Perry, que foi expulso da igreja cristã (Batista) na qual congregava por ser homossexual.

disposicionalista em escala individual (LAHIRE, 2012). Os principais conceitos que iremos abordar é o de homem plural e disposições heterogêneas.

Apesar, das análises de Lahire, não focalizarem especificamente na religiosidade, nos esforçaremos em estabelecer um dialogo voltada para a religião, nesse caso em específico a partir da biografia individual de nosso entrevistado. Deste modo, acreditamos ser imprescindível a teoria Lahiriana, pois, através da apreensão do singular do ator como produto complexo de diversos processos de socialização torna-se possível enxergar a pluralidade interna do indivíduo.

A negociação da entrevista com o David, deu-se inicialmente em uma das visitas ao campo de pesquisa de um dos autores desse trabalho na época – um grupo religioso de vertente inclusiva na cidade de Pelotas, em um dia de comemoração promovido pelo grupo. A festividade em questão era o “2º Arraial da Célula Nova Esperança Pelotas” ou também “ Arraial Gospel” que ocorreu no dia 24 de junho de 2018 em ocasião das festividades Juninas. Esse evento reuniu amigos, familiares e foi um importante evento para as relações de sociabilidade e integração do grupo religioso. O grupo religioso inclusivo na cidade de Pelotas é vinculado a CCNEI (Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional⁷). A célula religiosa em Pelotas faz parte de um empreendimento missionário da CCNEI que visa expandir o movimento religioso no Brasil. Em Pelotas o grupo estava localizada na rua Barão de Itamaracá, no Bairro Areal⁸.

Percebemos em David uma pluralidade de disposições e que sua trajetória foi marcada por transitar em diversos espaços sociais e suas ações foram marcadas a partir do contexto no qual estava inserido. O início de sua trajetória religiosa foi claramente influenciado pelo contexto familiar, onde comportava-se a partir do que era exigido dele em uma igreja pentecostal. No entanto, quando percebeu que já não se encaixava, e que tanto os conflitos internos pessoais, como aqueles com grupo surgiram, ele decidiu ir para a Umbanda, onde o contexto social exigia dele estudo mais sistemático da doutrina que levariam ao desenvolvimento de sua “mediunidade” e do qual a aceitação da sua homossexualidade não era vista como possessão demoníaca e havia um trânsito maior de pessoas homossexuais⁹.

⁷ Comunidade Cristã Nova Esperança Internacional – CCNEI, fundada no ano de 2004 e com sede oficial localizada no Estado de São Paulo

⁸ Atualmente este grupo não existe mais na cidade de Pelotas.

⁹ Cf. Peter Fry. Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros, 1982.

Ao retornar para o meio evangélico ele foi para um grupo religioso evangélico com postura inclusiva que exigia dele uma série de comportamentos morais que ele deveria seguir, mas estes, não tão rigorosos como na antiga igreja, já que nesta nova configuração evangélica ele poderia ser evangélico cristão e gay, continuar lendo a bíblia e estar em contato com o sagrado. Segundo o próprio David, ele buscava evangelizar até em boates LGBT. Até nesses espaços ele chamava as pessoas para conhecer a igreja inclusiva.

Compreendemos também que as ações de David em uma boate gay não eram bem vistas por outros evangélicos e também por outros evangélicos LGBT cristãos que frequentavam igrejas inclusivas e viviam uma vida ainda pautada em valores morais cristãos com viés fortemente pentecostal – como o caso de alguns membros do grupo religioso que ele frequentava. Além disso, David afirmava que algumas pessoas de fora do grupo religioso o julgavam por ele frequentar boates LGBT em um fim de semana e durante a semana ele postar fotos com bíblia nas mãos.

Sendo assim, observamos que as experiências de David demonstram que ele foi e está sempre transitando em diversos domínios sociais e que muitas de suas ações variam nos contextos nos quais ele estava inserido (LAHIRE, 2015). Além disso, percebemos que esses processos plurais e heterogêneos de socialização geraram algum tipo de conflito com o grupo ao qual ele pertence ou pertenceu, além de conflitos internos que marcaram sua trajetória com relação a sua sexualidade e religião.

A SOCIOLOGIA DE BERNARD LAHIRE: BREVES APONTAMENTOS

Bernard Lahire é defensor de uma sociologia que dá enfoque ao indivíduo e critica uma tradição dentro das Ciências Sociais que, durante muito tempo, centraram suas abordagens puramente em instituições, grupos e movimentos sociais. Para Lahire, a teoria à escala individual se funda nas análises das disposições, principalmente as dos patrimônios individuais, que pressupõem apoiar-se no conhecimento que formaram os indivíduos como a família, a escola, as instituições culturais, religiosas, profissão, etc. Lahire trabalha com uma unidade de análise particular, as biografias individuais – uma vida. Aborda o presente e o futuro entrelaçado com o passado que geram disposições que são ativadas pelos atores em contextos particulares no presente¹⁰.

¹⁰ Cf.: Vandenberghe, 2013.

Nascido em 1963, Bernard Lahire é um sociólogo francês. Atualmente é professor de sociologia na *École Normale Supérieure de Lyon*, na França. Lahire define-se como um sociólogo herdeiro da tradição sociológica de Pierre Bourdieu. Segundo Vandenberghe (2013), apesar de Lahire ser um dos discípulos mais fiéis de Bourdieu, ao mesmo tempo diferencia-se dos outros seguidores; justamente por seu pensamento ser mais heterodoxo. Ao invés de apenas repetir os traços do mestre ele refaz todo o percurso teórico de Bourdieu, porém replicando-o, estende-o, subvertendo-o radicalmente a partir de dentro (VANDENBERGHE, 2013, p. 72). Para Setton (2009), um dos pontos centrais da tese de Lahire é questionar a teoria da prática de Bourdieu, a teoria da ação social dos agentes sociais e principalmente a noção de *habitus*. Para Vandenberghe, embora as análises de Lahire se situem no limiar entre a psicologia, psicanálise e a sociologia, a abordagem proposta pelo autor é centralmente sociológica. Segundo Vandenbergue (2013), o que Lahire propõe é demonstrar que a sociologia pode compreender o indivíduo em toda a sua complexidade e explicar os comportamentos destes em todos os seus detalhes (VANDENBERGHE, 2013).

Nesse sentido, Lahire preocupa-se com uma análise sobre o lugar dos atores sociais nas ciências sociais. Lahire (2005) esclarece que:

De facto, a mudança de escala — da análise dos grupos, dos movimentos, das estruturas ou das instituições, para a dos indivíduos singulares que simultaneamente “vivem em” e “são constitutivos de” esses macro-objectos — não foi brutal a ponto de forçar a visão dos investigadores, de lhes provocar alguma dor de cabeça e, ao mesmo tempo, de lhes fazer ganhar consciência (LAHIRE, 2005, p. 12).

Nesta perspectiva, de acordo com Lahire, na medida em que homem na sociedade se apresenta como ou é idealizado como um ser isolado, autônomo, responsável, guiado por sua razão, oposto à *sociedade* contra a qual ele se defenderia com sua *autenticidade*, é que as Ciências Sociais devem exercer o papel de revelar a fabricação social dos indivíduos. O social não se reduz ao coletivo ou ao geral, pelo contrário, se encontra nas dobras as mais singulares de cada indivíduo (LAHIRE, 2013, p. 13, grifos nossos).

Lahire (2005), evidencia que os trabalhos de Pierre Bourdieu dentro da tradição sociológica têm seu lugar de destaque como um dos autores que privilegiaram teoricamente a compreensão dos indivíduos socializados. Nas palavras de Lahire:

Entre o conjunto de trabalhos existentes, os de Pierre Bourdieu designaram e caracterizaram teoricamente estas “pequenas máquinas produtoras” de práticas (no sentido alargado do

termo), essas “matrizes” que retêm no corpo de cada indivíduo o produto das experiências passadas. Quando, por exemplo, as noções (e as realidades para as quais elas remetem) de estruturas cognitivas, psíquicas ou mentais, de esquemas, de disposições, de *habitus*, de incorporação e de interiorização não estavam no centro do estudo, mas serviam somente, nos relatórios finais das investigações, de comutadores necessários para explicar as práticas evocando grosseiramente a socialização passada incorporada, estes modelos teóricos podiam parecer satisfatórios (LAHIRE, 2005, p. 13).

Embora Lahire faça algumas críticas à teoria bourdieusiana, como veremos adiante, ele não deixa de admirar as contribuições teóricas de Bourdieu. Como aponta Vandenberghe (2013), assim como Bourdieu, o programa de pesquisa de Lahire não é apenas científico e sociológico, estar no limiar do cientificismo e do sociologismo; e mais do que isso, é disposicional e contextual. Enquanto que a fórmula de Bourdieu se traduz em “[*habitus*) + (capital)] + campo = práticas”, Lahire por sua vez sugere: “disposições + contextos = práticas” ou ainda “passado incorporado + contexto presente de ação = práticas observáveis” (VANDENBERGHE, 2013).

Após leituras minuciosas da teoria de Bourdieu, principalmente da noção de *habitus* é que Lahire refina suas abordagens e critica muitas das posturas teóricas de Bourdieu, em especial aqui a noção de *habitus*. Para Pierre Bourdieu (1983), a noção de *habitus* está vinculada mediante à necessidade de compreender como se estabelecem as relações entre os comportamentos dos agentes e as estruturas e regras sociais. O conceito de *habitus* pode ser entendido como produto de trajetórias passadas, ou seja, adquirido nas e pelas experiências práticas em determinadas condições sociais que orientam diretamente as ações dos indivíduos no cotidiano. De acordo com Bourdieu (1983), trata-se de um sistema de disposições duráveis e transponíveis que integra todas as experiências passadas e atua a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e ações que possibilitam a realização de tarefas diversamente diferenciadas. São possíveis através das transferências analógicas de esquemas que são estimuladas a partir das conjunturas de um determinado campo, ou seja, as ações dos agentes são fruto de um encontro entre um *habitus* e um campo social específico (BORDIEU, 1983).

Nesse contexto, Lahire crítica Bourdieu de generalizar abusivamente um modelo particular que se aplica apenas às situações excepcionais (como sociedades tradicionais e instituições totais) (VANDENBERGHE, 2013, p. 77). Assim, Lahire não se interessa mais pela homogeneidade do *habitus* que atribuiu às disposições individuais

a nível de classe. Pelo contrário, interessa-se por observar o indivíduo como um ser complexo dotado de uma pluralidade de hábitos, disposições, esquemas, competências e capacidades heterogêneas que resultam de múltiplas socializações que podem operar em conjunto ou entrar em conflitos (VANDENBERGHE, 2013).

Para o sociólogo francês, disposição refere-se a “um passado incorporado que é estruturante, mas que se manifesta em ocasiões ou circunstâncias dadas” (p. 154). Esse passado incorporado diz respeito às experiências socializadoras sucessivas ou paralelas no âmbito da família, da escola, do trabalho, da igreja etc. O contexto é, por sua vez, o momento presente: diz respeito ao tecido social ao qual o indivíduo está vinculado, palco de suas ações.

Setton (2009), interpretando Lahire, evidencia que não é mais possível pensar o indivíduo contemporâneo sendo regido apenas por um único princípio de conduta. Os indivíduos estão sendo socializados com base em uma multiplicidade de princípios, não agiriam mais de forma homogênea nas muitas situações da vida, não agiriam coerentemente o tempo todo a partir de um sistema de disposições homogêneo, coerente e único, fato este que poria em xeque a teoria do *habitus* de Bourdieu (SETTON, 2009, p. 299). Em vista disso, em Lahire o ator social não é socializado por única forma geradora ou princípio único que levam as suas práticas, como pensava Bourdieu; o ator social está repleto de mundos sociais com princípios de socialização heterógenos e, na maioria das vezes, contraditórios e conflitantes.

Em Lahire (2002), as ações dos atores se caracterizam enquanto sínteses de suas experiências sociais que foram constituídas e incorporadas no seu processo de socialização passadas em diferentes contextos. Essas experiências, ficam suspensas, *depositadas*, e à disposição, à espera de um contexto específico de sua mobilização no presente.

Assim, Bernard Lahire (2005) questiona:

Ora, mais do que supor a existência de um processo sociocognitivo como o da “transferibilidade” (ou “transponibilidade”) das disposições, não seria melhor trabalhar esta questão em pesquisas empíricas que visassem comparar sistematicamente as disposições sociais postas em prática segundo o contexto de acção (domínios de práticas, esferas de actividade, microcontextos, tipos de interacção...) considerado? O simples uso do singular em expressões como “fórmula geradora” ou “princípio gerador e unificador” das práticas ou das condutas não contribuirá para resolver um problema antes mesmo de o ter colocado e,

pelo menos parcialmente, antes de o ter resolvido empiricamente? (LAHIRE, 2005, p. 13).

É a partir dessas indagações que Lahire propõe então uma sociologia à escala individual. Este programa teórico visa estudar o social individualizado, ou seja, o social refratado num corpo individualizado (LAHIRE, 2005). Para o autor, esse corpo individualizado apresenta diversas particularidades que vão além das instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, preocupa-se em apreender o social na sua forma incorporada e interiorizada ou ainda no seu estado *dobrado*, bem como no seu estado coletivo, objetivado, *desdobrado* (LAHIRE, 2005, grifos nossos).

De acordo com Lahire (2005), as deduções apressadas de uma análise das práticas dos indivíduos, ou de um grupo social, dentro de um contexto social determinado, seja ele qual for, esquemas de disposições gerais, *habitus* que funcionam da mesma maneira em qualquer lugar, em outros lugares e em outras circunstâncias, constituem, pois, um erro de interpretação (LAHIRE, 2005, p.23).

Seguindo esta ideia, Lahire *apud* Vandenberghe (1998) expõe que:

Se nós representarmos o espaço social em todas as suas dimensões (econômicas, políticas, culturais, religiosas, sexuais, familiares, morais, esportivas etc.[...]) na forma de uma folha de papel ou de um pedaço de tecido[...], então cada indivíduo é comparável a uma folha dobrada ou a um tecido amarrotado. [...]. Essas dimensões...dobram-se sempre de maneira relativamente singular em cada ator individual, e o sociólogo, que se interessa pelos atores singulares, encontra em cada um deles o social amassado, amarrotado (LAHIRE, 1998, p. 233).

O que Lahire busca evidenciar é que o conhecimento do social no seu estado dobrado só pode ser captado no social em seu estado alargado, ou seja, para dar conta da singularidade de um determinado caso, é imprescindível levar em consideração que este é produto de um todo complexo. O programa sociológico de Lahire implica diretamente em novas exigências metodológicas. Destarte, o que Lahire sugere é examinar o mundo social à escala dos indivíduos, pois o autor acredita que existe um social, uma história em estado incorporado, sob a forma de disposição para agir, crer, sentir que é fundamental para compreender as práticas e comportamentos (AMÂNDIO, 2013).

COMENTÁRIOS ACERCA DA ENTREVISTA: DIÁLOGOS COM A TEORIA CONTEXTUALISTA, DISPOSICIONALISTA NA ESCALA DO INDIVÍDUO

A partir das experiências de socialização e trajetória religiosa do David,

podemos destacar mediante as falas do interlocutor que ele vivenciou e ainda vivencia diversas experiências de socialização, dentre elas em espaços religiosos e outros não religiosos – como bares, boates LGBT, família e trabalho. Socializações estas que às vezes foram conflitantes em sua trajetória e que contribuíram para que ele não criasse vínculos de pertencimento a determinados grupos. Assim, os processos de socialização do David foram heterogêneos, transitando em diversos espaços sociais e culturais, tanto do ponto de vista da sua experiência com o sagrado que o levou a conhecer uma religiosidade inclusiva e até mesmo depois dela, pois frequentou o (ainda) frequente vertentes religiosas diferenciadas no que concerne às questões teológicas e doutrinárias.

No que diz respeito às suas experiências religiosas e sua sexualidade (homossexual) David relata que:

Ah a religião! ã ... a minha mãe nos criou sempre na Igreja do Evangelho Quadrangular e... ta... até então foi indo... foi indo... a minha homossexualidade era uma coisa meio que camuflada pela minha infantilidade, eu era uma criança assim sabe, meio que não davam bola... era só uma criança “mais delicada” eles ficavam pensando assim e aí eu fui crescendo e não cabia mais dentro... eu está ali sabe, já não me identificava mais com aquela igreja... não com aquela igreja, mas com aquele meio social sabe... e aí começou o grupo de jovens e aí começaram a se formar os “casalinhos” e tipo eu não me sentia mais... não era mais eu, não tinha ninguém como eu ali e se tinha disfarçava muito bem, aí foi que... meus trejeitos já foram me condenando e aí eu me lembro até hoje que teve um pastor, eu estava, estava de boas na... na... assim de boas assistindo o culto nas cadeiras da frente e eu me lembro que o pastor no meio da pregação do nada , parou o que ele estava falando e dizia que: ele me olhava e via uma mulher botando a língua pra ele e ele meio que falou ah, é a Pomba gira e eu não sabia o que que era Pomba gira naquela época (**Nós: você tinha que idade nessa época?**) Não lembro... mas eu acho que tinha menos de quinze eu acho ou quase quinze e aí aquilo me chocou sabe, porque eu estava assistindo a pregação assim... tava parado, quieto assim sabe e aí começaram as perseguições dentro da igreja, mas era do pastor assim... o pastor ele volta e meia dizia que eu estava com algum espírito alguma coisa e eu dizia... sempre fui muito debochado desde pequeno e dizia que saco sabe...

Constatamos que a mãe do David sempre foi evangélica e frequentava uma igreja evangélica de vertente pentecostal¹¹ – em que muitas delas assumem uma postura contrária às questões relacionadas a homossexualidade ou a sexualidade de seus fiéis. No pentecostalismo existe uma forte ênfase nas relações heterossexuais, seguem fortemente as leituras bíblicas de que Deus criou o homem para a mulher, além de uma moralidade que focaliza como pilares a família e o casamento heterossexual monogâmico¹². As ramificações mais tradicionais e conservadoras deste movimento condenam veemente as relações homoafetivas, categorizando-as como pecado e promiscuidade. É neste cenário religioso de uma igreja pentecostal chamada Igreja do Evangelho Quadrangular¹³ que David tem suas primeiras experiências de sociabilidade religiosa. David começou a frequentar a igreja devido sua mãe ser evangélica e isto o influenciou para que ele tivesse seus primeiros contatos com a religião cristã. Contudo, a partir de suas inquietações com sua disposição sexual e disposição religiosa e de não se encaixar nas normas morais pregadas pela igreja, aos quinze anos, David tem seus primeiros conflitos com os membros da igreja, principalmente com o Pastor, que por conta de seus “trejeitos afeminados” o acusava de estar possuído por demônios. Devido a esses conflitos, David decidiu afastar-se desta instituição, pois não gostaria de estar em um lugar onde não aceitavam sua condição sexual. E segudo ele: “*nã faria esforço para se encaixar*”. Devido a isso, resolveu ter outras experiências religiosas,

¹¹ A teologia pentecostal se caracteriza historicamente pelo Batismo no Espírito Santo, que se configura como eixo central. Para Seymour, havia três estágios na “vida espiritual” do pentecostal: a conversão, também definida como regeneração; santificação, que era necessário para “purificar o coração” e o batismo do Espírito Santo. Tendo como sinal o dom de línguas (Glossolália ou Xenoglossia) (CAMPOS JR, Luiz Castro, 1995). Passos (2005), aponta que esse impulso missionário era fortemente revigorado pela expectativa da iminente volta de Cristo ao mundo e alimentado pelas rápidas transformações na sociedade.

¹² Cf. Sexualidade e Condição Homossexual na Moral Cristã. Marciano Vidal (2008).

¹³ No Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada na cidade de São João da Boa Vista, estado de São Paulo, em 15 de novembro de 1951, pelo missionário integrante da Foursquare Gospel Church, Harold Edwin Williams, natural de Los Angeles, EUA, o qual teve o auxílio de Jesus Hermírio Vasquez Ramos, natural do Peru. O termo “Evangelho Quadrangular” foi inspirado pela fundadora da igreja, Aimée Semple McPherson, durante uma campanha evangelística em Oakland, Califórnia, em 1922. “Evangelho Quadrangular” representa o que é igualmente equilibrado por todos os lados, estabelecido e resistente. Tal confiança no poder do evangelho é expressa em Hebreus 13:8, o que é apresentado nas igrejas quadrangulares como “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e será eternamente”. O termo ainda representa os quatro pilares do ministério de Jesus na Terra: O Salvador; o Médico dos médicos; o Batizador com o Espírito Santo, o Rei que há de vir. Disponível em: <<http://www.portalbr4.com.br/materias/12>>. Acesso em: 07 de agosto de 2018

dentre elas, a visita a um culto Neopentecostal, da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, cujas concepções e posturas com relação à homossexualidade são rígidas – parecidas com a antiga igreja que ele frequentava com sua mãe. Nesse espaço ocorreram também as acusações de possessão por demônios, fatos marcaram a trajetória do interlocutor em espaços religiosos evangélicos. Ele também buscou se encaixar em religiões de matriz afro-brasileira, como a Umbanda – uma vez que estas parecem serem mais flexíveis com a aceitação da homossexualidade.

No concerne aos conflitos em igrejas Neopentecostal David narra que:

Eu fui a um ou dois cultos em uma outra igreja, esqueci o nome, mas não era do Evangelho Quadrangular. E... ah ta! Na Universal e aí foi a mesma coisa também. Ah! eu me lembro que foi bem engraçado (Risos). Ai que horror! Eu sempre com esses bafos, né. Eu fui e aí eu fui bem no dia que era de libertação. E aí eu... ah! quando o cara falou que era noite da libertação eu pensei: - Vai sobrar pra mim (Risos). Aí ele chamou todo mundo lá pra frente e tá eu fui, não vai acontecer nada, né (Risos). Aí tipo, tá... aí foi num, foi noutro, né... orando. Aí chegou a minha vez ele botou a mão na minha cabeça e começou: “- Que não sei que! Esse espírito que induz esse jovem a prostituição!” E eu fiquei pensando, mas que prostituição. “- Que não sei o que! Que induz ele ao homossexualismo.” E eu ah, mas que saco, sabe? Eu fiquei pensando... E ele queria porque queria me jogar no chão. Botei o pé atrás e não deixei ele me derrubar. E aí é isso que eu acho que eles associam o pessoal. Homossexualidade a prostituição, a drogas, a rock roll, sabe? Essas coisas.

Observamos que o *habitus* cristão evangélico do David, da sua mãe e do seu irmão, não foram suficientes para que David continuasse na igreja que sua mãe e seu irmão frequentavam, embora ele fosse um cristão que acreditava em Deus e em alguns valores evangélicos e da própria igreja enquanto instituição, ele se recusava a está em lugares em que sofria rechaços, privações e discriminação.

O fato da não aceitação da sua homossexualidade foi um fator que contribuiu para que ele rompesse com essas duas igrejas e buscasse por um outro espaço em que pudesse ser aceito, sem conflitos, viver sua orientação sexual e religiosa sem culpa. Foi então, que David conheceu e passou a frequentar um grupo religioso voltado para o público LGBT. David explicita como teve os primeiros contatos com um grupo religioso inclusivo – que aceita a diversidade sexual:

Pelo um amigo meu, o “Sandro”, já faz mais de... faz uns 10 anos que a gente se conhece. Da noite eu conhecia ele. E aí ele sempre teve esse projeto, assim ele sempre foi muito religioso e ele sempre me convidava, sempre me convidava até um dia que eu quis ir. Aí eu fui e gostei muito, sabe? Que era bem o que eu via lá na minha infância, a gente lia a bíblia... Todo o processo lá. Era uma igreja evangélica só que com gays, sabe? Muitos gays. E aí eu gostei muito, sabe por essa questão: não tinha julgamento assim. Parece que gay era... assim a gente é igual a todo mundo, sabe? Mas era... a gente esquecia que todo mundo era gay, assim,

porque todo mundo é igual perante a Deus como a bíblia explica, né, ela ensina né, que a gente é todo mundo igual.

Alguns conflitos também surgiram na trajetória de socialização de David na sua família, principalmente com relação ao seu pai e sua mãe, dos quais ele não estava isento. As divergências em sua família surgiram em decorrência de sua mãe e seu irmão serem evangélicos pentecostais e frequentarem esta vertente religiosa e acreditarem nos valores pregados por esta instituição, do lado oposto estava o pai de David que frequentava centros Umbandistas, religião que na visão da mãe de David é demoníaca. Assim, David teve suas primeiras experiências em centros Umbandistas pela influência do pai que já frequentava a algum tempo e travava duros embates com a esposa por conta da religião que escolheu frequentar. Como bem revela a fala do interlocutor David:

E aí foi que meu pai começou a me levar para o centro espírita e aí lá eu vi que parece que não tinha julgamento nenhum sabe até vi outros homossexuais ali e era bem aceito assim... Depois fui para o centro espírita, umbandista, da linha branca que se diz era todo mundo de branco até tinha os tambor tudo, mas era... eu sentia que aquilo ali era bem mais ã... como é que diz ... era uma coisa voltada para o intelectual, o intelecto... eles te exigiam que tu estudasse, tive vontade de entrar para a corrente e aí o responsável maior ele disse... não, tu tens que ver bem, tu tens que estudar bem o espiritismo, o Umbandismo até pra entender o que que tu vais fazer aí... porque eu achava tudo muito “glameroso” ali as pessoas ali girando e dando passe e tudo, mas não é só isso, tem todo uma coisa por trás. Tem que estudar o espiritismo, tem que ver que é tudo uma questão de caridade e é tudo uma questão de desenvolvimento, todos nós somos médiuns uns mais que os outros aí tu tens que ver o nível da tua mediunidade, não sei o quê... e aí eu disse assim... ah legal! e aí eu me lembro que era uma coisa bem mais voltada para o intelecto, que era bem diferente... não tô criticando a igreja assim sabe, até porque lá tem pessoas maravilhosas, a igreja, eu adoro tudo assim, seu eu me sentisse bem, eu até continuaria indo, mas eu me lembro que tinha muitas pessoas que eram meio que ignorantes... começando pela minha mãe assim sabe... tipo elas não entendia e julgava horrores as pessoas... e pra minha mãe assim, eu me lembro ã... a minha mãe e meu pai nunca tiveram uma relação muito boa desde que me entendo por gente assim... nunca vi meus pais se beijar na boca, por exemplo, namorar, eles moravam na mesma casa, mas tipo era bem dividido... pelo meu pai não ir na igreja, parece que as pessoas que não iam na igreja pra minha mãe elas não acreditavam em Deus, elas não eram de Deus então... eu vi que no espiritismo não era assim sabe...ã... era diferente assim... mas, eu gostei muito do espiritismo ã... se eu pudesse continuar indo na igreja, porque eu gosto também de ah... do trabalho social que tem na igreja ã... que eles fazem campanha assim do agasalho, altruísmo, filantrópica, que eu não vejo muito na Umbanda, já no Espiritismo até a gente ver, na Umbanda agente não ver muito... aí quando eu descobrir a igreja inclusiva foi muito bom pra assim nesse sentido assim sabe...

No período em que David frequentou estas vertentes religiosas não evangélicas ele ouvia da mãe que quem frequentava esses lugares não “herdaria o reino dos Céus”, que era um herege, pecador. No meio evangélico, existe uma certa teologia

de combate, sobretudo, às religiões afro-brasileiras¹⁴. Embora David tenha gostado das experiências que teve na Umbanda, ele se afastou. Hoje, sempre que pode, ainda vai em algumas cerimônias umbandistas, mas não é mais um frequentador assíduo. Foi então que depois de suas experiências de socialização na Umbanda, ora conflitante, ora harmônica, e em ocasião das contradições dos pais que lhe afetaram de alguma maneira, que David teve contato com a Igreja Inclusiva Comunidade Cristã Nova Esperança, na cidade de Pelotas.

O jovem afirmava que a experiência em uma igreja voltada para o público gay lhe oferecia a oportunidade de ser gay e ser evangélico sem toda culpa e carga proibitiva que lhe eram impostas em outras vertentes evangélicas. O que levou David a uma igreja inclusiva foi exatamente o fato de ele ser um gay evangélico cristão – essas igrejas inclusivas aproximam-se de um pentecostalismo evangélico e carregar um *ethos*¹⁵ próprio do meio evangélico, como regras de condutas morais, ritualísticas e doutrinárias. No espaço religioso dito inclusivo que David frequenta são feitas leituras bíblicas, onde algumas passagens são ressignificadas, para demonstrar que Deus não faz acepção de pessoas e nem condena as práticas homoafetivas. Questões ritualísticas como as pregações, o batismo, a oração em línguas, a crença na volta iminente de Cristo, além de regras de condutas morais como: incentivo às práticas de sexo monogâmico, valorização da família e do casamento ainda são mantidas. Porém, essas igrejas diferenciam-se com o discurso de aceitação e inclusão de homossexuais em seus espaços de culto ao sagrado – lugar no qual pessoas LGBTs podem compartilhar experiências, anseios e emoções.

Sobre as diferenças entre a teologia inclusiva para outras igrejas evangélicas tradicionais, o David pontua que:

Ah! As igrejas evangélicas muitas deles... eles queriam libertar a gente de alguma coisa. Acha que a gente tem alguma coisa e querer libertar a gente daquilo. Lá ná célula inclusiva.. Não né. Muito acolhimento, sei lá, querer ajudar a gente. Perguntar como a gente se sente. E querer nos ajudar daquela forma e é muito oração, muita oração pra gente tipo... ã... ah! Melhorar como pessoa. Tipo, mais é o acolhimento, mas é a mesma coisa assim sabe. Mas sem julgamento e sem achar que o próximo é .. é... tão menos que a gente, sabe? Por agente seguir tal religião. Ela é tipo solta assim... tipo... ah como eu vou te dizer... ela é livre de qualquer rótulo assim sabe. E ela não assim só tipo pra gays. Você pode levar heterossexuais e tudo que não vai ter julgamento nenhum. Ela é a mesma coisa assim que a outra só que ela

¹⁴ Cf: O artigo: NEOPENTECOSTAIS E AFRO-BRASILEIROS: QUEM VENCERÁ ESTA GUERRA de Ari Pedro Oro, 1997.

¹⁵ Ethos religioso compreendido a partir da perspectiva de Geertz (1978), que o entende como sendo um conceito que expõe aspectos morais, estéticos, que é definidor de valores sociais de uma cultura específica e é responsável por uma visão de mundo que possui aspectos cognitivos e existenciais

abriga os gays, assim sabe?

O fato de ser uma igreja que diz acolher a diversidade sexual se mostrou muito atrativa para que o David buscasse estreitar seu relacionamento com o sagrado cristão. As experiências de sociabilidade de David na célula religiosa e as trocas materiais e simbólicas¹⁶ que estabeleceu com o grupo em Pelotas foram durante algum tempo na vida de David positivas. Foi o lugar onde ele conheceu pessoas das quais compartilhou seus dramas com relação a sua trajetória de exclusão em outras igrejas e até conheceu uma pessoa da qual manteve um relacionamento homoafetivo por algum tempo.

No entanto, tudo isto parece não ter sido suficiente para que David continuasse frequentando a célula com assiduidade, para que ele mantivesse um vínculo de pertencimento com o grupo. David também gostava de frequentar bares e boates LGBT, bem como consome bebidas alcoólicas – práticas estas que dentro de uma moralidade cristã não são toleradas e são consideradas práticas viciosas para alguns evangélicos pentecostais. Muito embora a célula religiosa inclusiva seja flexível com as questões da homossexualidade, ela ainda mantém uma postura de certa aversão às práticas consideradas “mundanas” ou “seculares”. Embora essa dualidade por vezes não se apresente clara, ela permeia alguns discursos como o de "cuidado" com as práticas externas ao espaço da igreja.

Porém, algo interessante a ressaltar, é que a primeira vez que o jovem foi convidado para participar da igreja foi em uma boate, pelo próprio pastor, que na época também frequentava "boates gays". Essa configuração é interessante para pensarmos que, por vezes, o espaço da boate não é contraditório ao espaço da igreja, servindo inclusive de espaço de reconhecimento entre os que conhecem os dois lugares e até mesmo de "evangelização", pois através das conversas na boate, ocorrem convites e divulgação para conhecer o grupo religioso. Sobre estes fatos o David narra que:

Desde que eu me entendo por gente eu vou a baladas gays, assim... vou a balada as vezes e bebo socialmente. Ah as pessoas não entendem isso. Elas meio que me julgavam. Ai isso foi muito bom tu ter me comentado isso! Tipo eu ãã... hoje em dia a gente tá num, numa ah como eu vou te dizer... os tempos hoje são bem diferentes. Acho que o intuito, o objetivo da célula inclusiva tá é estreitar o relacionamento do gay tá com o divino, como eu falei assim, com Deus. Porque nem todo gay gosta do Umbandismo, apesar de muitos se sentirem bem mais à vontade ali. Eu sei que tem muitos que não gostam. Gostam dessa configuração tradicional de ler a bíblia, de orar, essa coisa assim. E aí tipo... tá e o intuito da célula é de esse relacionamento,

¹⁶ Bourdieu (2007) o simbólico relacionado à subjetividade da experiência religiosa materializa-se em práticas e discursos, na medida em que encontra uma demanda social que produz sentido dado à existência dos indivíduos inseridos em um determinado grupo.

mas ela também não te proíbe. Não te proíbe de tu ter a tua vida social, de tu ir a baladas, de tu beber. Só que as pessoas que tão de fora, inclusive, até porque essa igreja inclusiva ela tem uma página nas redes sociais e aí as pessoas veem eu ali com a bíblia na mão, lendo, aí depois vê uma foto minha na balada (Risos) com um monte de guri na volta, com um copo na mão e aí meio que as pessoas me julgaram por causa disso, né. Que eu não me mantinha... que eu não me dava ao respeito, que eu tava zombando... **(NÓS: Mas quem te julgou as pessoas da célula ou as pessoas de fora?)** As pessoas de fora. Até porque o mais intenso da célula eu acho que sou eu. Porque o próprio Sandro assim ele não bebe. Ele bebe socialmente. Samir é o ministro lá da célula. E aí as pessoas meio que me criticavam tu tá zombando... porque tu posta foto com bíblia na mão orando, rezando daqui a pouco tu tá né na balada. Mas aí... eu sei que eu me dou ao respeito. Eu acho que... Ai! bebe e ir pra balada não é tipo um afronte. Eu não tô fazendo nada de errado, eu tô me divertindo. E acima de tudo eu tô me divertindo, bebendo e na balada e tô tipo convertendo as pessoas. Até mesmo tem o Roberto é um guri que ia lá na célula. Eu encontrei assim bem deprimido numa festa gay e eu convidei ele pra ir numa igreja inclusiva. Ele foi em alguns encontros e ele me fala até hoje que foi muito bom assim pra ele. A questão dele se encontrar espiritualmente, tipo... foi um alicerce-se pra ele tava bem mal, assim... E aí eu não consigo ver que isso seja uma afronta. É que eles já associam, eles associam a igreja ao tradicionalismo. Porque assim, na igreja tradicional tu não vê homossexuais e muito menos tu vê pessoas que vão na igreja frequentando a bares também, né. Então isso fugiu muito de uma igreja tradicional. Mas eu acho que se manter o respeito e não fazer mal pra ninguém, eu não vejo errado essa questão de ir a igreja e a bares ao mesmo tempo.

Embora David afirme que não enfrentou problemas ou tensões com relação ao Pastor da célula e demais membros por sua conduta de frequentar boates e bares, podemos supor que pela CCNEI está inserida no universo evangélico pentecostal, as práticas culturais do David de frequentar boates gays e bares não agradava muito o Pastor, embora este, tenha em algum momento de sua vida também frequentado boates. As práticas consideradas “mundanas” do David podem tê-lo distanciado do convívio com o grupo. Além disso, outras coisas o levaram ao afastamento, como: a dedicação a faculdade e ao trabalho – espaços de socialização que se diferenciam de um grupo religioso e nos quais o interlocutor estabelece relações com diferentes pessoas e onde os espaços são mais plurais e diversos. Como o próprio David afirma:

Eu acho que é mais por questão de tempo sabe? Como eu falei eu faço faculdade né (ênfase no modo de falar, como algo importante) e às vezes eu tenho que tá sempre fazendo listas e listas de exercícios e mais pelo horário também. E como...está tem tipo também ela não é uma... apesar da gente divulgar bem ela nas redes sociais ela não... ela ainda tipo... não tem muitas pessoas ainda que aderiram né a igreja inclusiva então... tipo vai poucas pessoas ali sabe? Aí às vezes fazer tipo um encontro mais tipo informal durante a semana a gente encontrava o “ Sandro”, a gente conversava sobre... lia a bíblia essas coisas, mas tipo a aquele encontro ali no sábado e no domingo pra mim era quase que raro assim eu ir.

No trabalho David relata também ter passado por situações de conflito com algumas pessoas por conta da sua sexualidade e religião, mas sempre busco esclarecer as pessoas sobre a homossexualidade e a importância de uma igreja voltada para pessoas LGBTs.

Sobre essas questões David expõe que no trabalho:

Ai! Eu até tento fazer a linha discreto, mas eu não consigo, as pessoas sabem tudo da minha vida. Então no serviço não ia ser diferente, né? Tipo... eu comento até por causa das fotos que as pessoas veem, né. Então as pessoas falam: “-Aí como é que é? ” Até tive uns conflitos por causa disso. É inevitável, a gente vai se deparar na vida com pessoas bem difíceis de lidar, assim...quadradas... e aí, assim eu tentei explicar, conscientizar que não é por aí. Mas geralmente as pessoas que estão na minha volta assim, no meio social eu tento conscientizar elas do homossexualismo, do homossexual na igreja, de que a gente tem esse direito né, de socializar e de ter um momento com o sagrado. E aí eu acho que eu convenco eles, sei lá... De que a gente tem direito, que não é um bicho de cabeça e tudo e graças a Deus também eu passei por várias pessoas, eu convivo com várias pessoas que são bem mente aberta assim... que é indiferente eu ser homossexual ou não eles me tratam da mesma maneira.

Na família, ele relata que todos os aceitaram e que sua mãe e seu pai sempre souberam de sua homossexualidade e que não teve muitos conflitos, sendo esses mais relacionados às questões religiosas. Já na escola, durante o período do ensino fundamental e médio, suas ações demonstravam que ele precisou fazer algumas negociações e se utilizar de estratégias para ser aceito e não sofrer com o preconceito, procurou sempre estar no meio masculino e estar inserido em atividades que ele considerava mais masculinas como jogar futebol e handebol. Ao mesmo tempo andava com as meninas e usava estratégias para ter “respeito” como se valer de um perfil de "brigão", mas isto obviamente não foi suficiente para que ele não sofresse preconceitos por conta da sua condição sexual, uma vez que ainda eram feitas “piadinhas” sobre sua postura mais feminilizada.

Sobre esse período de sua trajetória David expõe que:

No colégio por eu... por eu ... fazer esporte , por eu procurar sempre tá, tipo inserido no universo masculino ã... sempre gostei de jogar bola, de handebol, essas coisas os gurus meio que me respeitavam... eles sabiam que eu era gay, mas eu era um bom goleiro! (risos) e isso tipo me dá uma... isso tipo me dá, tipo um passaporte para um, o universo masculino e eles me tratavam bem, eu gostava de esporte... eu meio que... que eu fazia eles me respeitar assim... eu lembro que tinha um corredor assim sabe que eu entrava assim e passava e ninguém me olhava... tipo, eles tinham meio que medo de mim e aí eu tinha meio que uma fama de brigão no colégio, não de barraqueiro, mas de brigão (risos) eu entrava no corredor assim e todo mundo assim , ta vindo “David”, abaixa a tua cabeça...mas era bem legal

assim, resumindo assim, eu tive... não digo sorte... eu tive, tipo... uns episódios de preconceito assim, de risinhos assim, de coisas assim, mas foi dissolvido assim, depois que as pessoas começavam a me conhecer, de fato... Eu, como gostava de fazer amizade, isso aquilo eu acho que isso meio que me salvou um pouco assim sabe e de não fazer assim.... Como as minhas amigas aqui de pelotas dizem " a linha metida" pessoa metida não ta com nada e ai por ser mais humilde talvez, isso me salvou um pouco assim ai... é isso.

Este passado incorporado do David, marcado por essas estratégias para “driblar o preconceito” é acionado por ele quando precisa se defender e enfrentar atitudes preconceituosas. O enfrentamento que marcou sua socialização é acionado por ele, por exemplo: no trabalho ou em outros espaços que ele considerava está sendo alvo de “piadinhas” e atitudes discriminatórias. Como dizia o David “ *eu aprendi a enfrentar o preconceito brigando, falando na cara*”.

Na faculdade, o David afirma que ele até andava de mãos dadas com seu namorado, sem ter medo de sofrer algum tipo de postura homofóbica por parte das pessoas, pois, a Universidade, para David, é o lugar de pessoas “mais mente aberta”. Dessa maneira, sentia-se mais a vontade para trocar carícias e afeto com seu namorado. Diferentemente do medo que ele sentia em andar de mãos dadas ou trocar carícias em público nas ruas e em determinados espaços da Cidade, para o David o município de Pelotas ainda é muito “preconceituoso” . Segundo o David ele sempre procurava ser “cauteloso” ao trocar afetos com seu namorado fora do espaço da Universidade.

Assim, podemos pensar a partir da biografia individual do David que nas sociedades complexas e altamente diferenciadas o ator social passa por diferentes processos de socialização e age motivado a partir do contexto que está inserido (LAHIRE, 2005). Nesse sentido, podemos pensar o David como um Homem Plural com disposições heterogêneas tal como na perspectiva de Lahire (2002):

A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...), que cada ator pode ter interiorizado, depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito. Uma vez que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, as vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir. Poder-se-ia resumir tudo isto dizendo que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais estejam sujeitos a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios que incorpora [...] Mais que considerar a coerência e a homogeneidade dos esquemas que compõem o estoque de cada ator individual como a situação modal, a que é mais frequentemente observável numa sociedade

diferenciada, achamos que é preferível pensar que esta é a situação mais improvável, mais excepcional e que é muito mais comum observar atores individuais menos unificados e portadores de hábitos (de esquemas de ação) heterogêneos e, em certos casos, opostos, contraditórios (LAHIRE, 2002, p. 31)

Em Lahire (2002), as ações dos atores se caracterizam enquanto sínteses de suas experiências sociais que foram constituídas e incorporadas no seu processo de socialização passadas em diferentes contextos. Essas experiências ficam suspensas, depositadas, e à disposição, à espera de um contexto específico de sua mobilização no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber o indivíduo é o resultado de processos, experiências e múltiplas socializações, notoriamente perceptíveis na entrevista de David, cristão, universitário transitava em espaços sociais diferenciados e heterogêneos. Assim, uma sociologia das disposições corrobora para refletir sobre que tipo de configurações que agenciam a conduta humana. Faz-se importante ressaltar que esta teoria não abandona o grupo social ao procurar compreender as disposições do indivíduo, nem faz uma sociologia puramente do indivíduo, ao contrário, a partir do indivíduo, pensa o social.

Portanto, a entrevista com o David nos faz perceber que ao dar ênfase a sua narrativa, através de sua biografia individual não está se excluindo a dimensão de um grupo, ou instituição social maior (como a religião, a família, o trabalho, a faculdade, as igrejas evangélicas ou até mesmo a célula religiosa inclusiva que ele ainda frequenta). Pelo contrário, o David ainda está em certa medida sendo influenciado por estes grupos; essas disposições apenas não determinam todas as suas ações, que variavam dependendo do contexto que ele está inserido. Mostrando-se sempre conflitantes e contraditórios.

REFERÊNCIAS

AMÂNDIO. Sofia. Entrevista com Bernard Lahire do homem plural ao Mundo Plural. Edição e propriedade Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. **Análise Social**, 202, xlvii (1.º), 2012.

BOURDIEU, P. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

CAMPOS JR, Luiz de Castro. **Pentecostalismo Sentidos da Palavra Divina**. São Paulo: Geográfica, 1995.

COELHO JÚNIOR, Carlos Lacerda. "A Emergência de uma Teologia Queer – Uma breve análise sobre as influências do Movimento Feminista e Homossexual no processo de reconfiguração do sagrado" *17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (2012): n. pág. Web. 10 out. 201*

FRY, Peter. Homossexualidade Masculina e Cultos Afro-Brasileiros. In: **Para Inglês Ver**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GEERTZ, Clifford. "Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados". In, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

JESUS, Fátima Weiss de. "UNINDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS: Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo". Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

LAHIRE, Bernard. **A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.

. **Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, problemas e práticas, n° 49, p. 11-42, 2005.

. **O Homem plural. Os determinantes da ação**. Petropolis, Vozes. Editora Ciências Sociais da Educação. 2002.

. Patrimônios individuais de disposições. Para uma sociologia a escala Individual. Sociologia, Problemas e Práticas, n. ° 49, 2005, pp. 11-42.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e Afro-Brasileiros: Quem vencerá esta guerra?** Debates do NER, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 10-36. Novembro de 1997.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começos.** São Paulo: Paulinas, 2005. PORTAL BR4. **Denominação e Doutrina.** Disponível em:

<<http://www.portalbr4.com.br/materias/12>>. Acesso em: 07 de agosto de 2018.

VANDENBERGHE, Frédéric. **A Sociologia na escala individual Margaret Archer e Bernard Lahire.** Tradução de Gabriel Peters. Cadernos do Sociofilo. Quarto Caderno. 2013.